



PAUIS DA PRAIA DA VITÓRIA, UM EXEMPLO DE CONSERVAÇÃO

ANTÓNIO M. DE FRIAS MARTINS*

*SOCIEDADE AFONSO CHAVES
A.FRIASMARTINS@GMAIL.COM

AS ILHAS OCEÂNICAS e vulcânicas têm peculiaridades naturais merecedoras de atenção ou porque delas são típicas ou porque nelas são raras. O litoral rochoso, seja de pedra firme ou de calhau rolado, é o elemento mais comum em tais ilhas; os sistemas dunares, porém, tão típicos das costas continentais, são nessas ilhas extremamente raros e, ao acontecerem em ilhas oceânicas e vulcânicas, assumem características peculiares merecendo, por isso, especial atenção. As zonas húmidas costeiras, típica interface continental dos estuários com o oceano, são raras nas ilhas oceânicas devido à escassez de cursos de água avolumados que desagüem suavemente no mar, pois tais ilhas são em geral rebordadas por altas falésias; a existência de zonas húmidas costeiras em ilhas oceânicas é, por isso, uma raridade que deve ser preservada como património natural ilhéu.

DOIS DEDOS DE HISTÓRIA

As zonas húmidas costeiras dos Açores despertaram para o mundo da ciência no longínquo ano de 1965, quando um grupo de sete estudantes do Chelsea College da Universidade de Londres escolheu São Jorge para sua viagem de

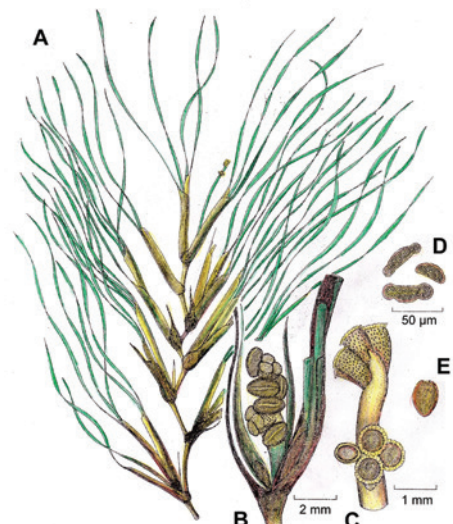


Figura 1. A erva marinha *Ruppia maritima*, desenhada por Brian Morton

fim de curso, com o intuito de conhecer e estudar uma ilha oceânica. Dentre eles destaco o saudoso Brian Morton (1942-2021), já então estudioso de bivalves, que assumiu como objectivo da sua estada em São Jorge fazer um levantamento da Lagoa da Fajã do Santo Cristo, célebre pelas suas ameijoas. Foi aí que, estando por essa altura acampado na ilha, conheci Brian Morton e desde então se estabeleceu uma amizade que hoje, infelizmente, só perdura na memória que ficou daquele inolvidável cientista e amigo. Peço que se releve este relato pessoal, mas à frente já se verá que esse conhecimento foi determinante para o estudo das zonas húmidas costeiras dos Açores.

Brian foi destacado para a Universidade de

Hong Kong, mas continuámos a corresponder-nos em assuntos dos Açores e da ciência. Encontrámo-nos pela segunda vez uns vinte anos depois, em Edimburgo, num congresso científico; aí, Brian propôs que eu organizasse um *workshop* internacional nos Açores à semelhança dos que ele, tão eficazmente, havia instituído em Hong Kong. Assim aconteceu e em 1988 reuniram-se em Vila Franca do Campo cientistas vindos de Harvard, da Smithsonian, da Universidade de Rhode Island, da Academia de Ciências da Califórnia, do Museu Britânico de Londres, do Museu Nacional de Paris. O objectivo primordial foi o estudo do Ilhéu de Vila Franca do Campo, então recentemente legislado como reserva natural. Atendendo às suas características únicas, foi considerado por Brian como uma “zona húmida costeira”. As Actas desse *workshop* foram publicadas no ano seguinte como suplemento da Revista *Açoreana*, boletim da Sociedade Afonso Chaves, que teve papel fundamental na divulgação dos estudos realizados nesse e nos *workshops* que se lhe seguiram e, mormente, nos estudos dedicados às zonas húmidas costeiras dos Açores.

Integrando uma das expedições do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores, Brian Morton revisitou São Jorge em 1992 com o intuito de dar continuidade ao estudo da Lagoa do Santo Cristo, iniciado 27 anos antes. Juntamente com a investigadora jorgense Regina Tristão da Cunha, foi feito um levantamento cuidadoso da hidrologia da lagoa e da população das ameijoas nela existentes, tendo sido deixadas oportunas palavras a respeito dos cuidados de conservação a ter com aquela importante zona húmida costeira.

Em 1995, sob os auspícios da Sociedade Afonso Chaves e contando agora com a colaboração do investigador norte-americano Joseph C. Britton, o estudo das zonas húmidas costeiras estendeu-se à vizinha Fajã dos Cubres. Daí foi descrita, em pormenor, a erva marinha *Ruppia maritima* [Figura 1], espécie rara em ilhas oceânicas; repetiram-se, igualmente, apropriadas exortações à conservação daquela fajã, mormente da sua lagoa.

No ano seguinte, a mesma equipa visitou a extensa plataforma lávica das Lajes do Pico, de características únicas, da qual fez um minucioso levantamento. Ali, do bordo que enfrenta as ondas do oceano à fronteira com a terra habitada, expressa na longa e imponente muralha, desenrola-se num único lance de olhos todo o processo de sucessão ecológica, dos líquenes pioneiros em agreste e desértica rocha às flores selvagens em fino e precário solo.

A ILHA QUE NADA TINHA

Avizinhava-se o momento da grandiosa EXPO98, que pretendia mostrar ao mundo o que de melhor Portugal tinha, e os Açores fizeram questão em apresentar o que o continente Português não



Figura 2. Paul da Praia em 1997 – um poço fétido

tinha. Mercê dos estudos feitos sobre as zonas húmidas costeiras e das investigações dos *Workshops* internacionais de Biologia Marinha apadrinhados pela Sociedade Afonso Chaves, foi esta vetusta instituição científica convidada a elaborar um livro sobre a vida marinha e costeira do arquipélago, que representasse a Região naquela exposição internacional. Tal tarefa foi delegada no trio Morton, Britton & Martins, que acima se mencionou. Planeou-se, então, fazer um livro que abordasse a “Ecologia Costeira dos Açores” e assim se escolheu o título da futura obra. Visitaram-se todas as ilhas, assinalando as peculiaridades que cada uma teria para oferecer e integrando-as nos vários capítulos. Restaram uma ilha e um capítulo: a ilha Terceira, que tinha no seu histórico glorioso um Paul original e extensas dunas, e o capítulo sobre a Conservação, ainda em branco. A história, nas palavras de José Agostinho e do casal Bannerman, contava-nos maravilhas sobre o Paul da Praia da Vitória e sobre as dunas do seu magnífico areal [Figura de rosto]. Mas outra história, balbuciada pelos praienses, mostrava, triste e envergonhada, o estado de degradação última a que Paul e dunas haviam chegado [Figura 2]. Mesmo assim para lá voámos, embora sem grandes expectativas... Ao fazemo-nos à pista, pela entrada da Praia da Vitória, a luz do sol reflectiu-se algures no Cabo da Praia e esparsas manchas de verde coloriam o fundo do que pareciam poças! Mas disso a história não havia falado... Bastou, porém, uma visita rápida à Pedreira do Cabo da Praia para que a incredulidade desse lugar à euforia, e assim se preencheu aquele capítulo em branco: diante de nós estava uma zona húmida costeira em processo de construção.

A pedreira do Cabo da Praia é uma depressão quadrangular resultante da extracção de pedra para a construção do porto da Praia da Vitória; o fundo da pedreira está ao nível do mar, pelo que as oscilações da maré ali se fazem sentir através das fissuras nele existentes. [Figuras 3 e 4]. Desactivada nos princípios dos anos 80, tornou-se o ponto de paragem para as aves migradoras, substituindo assim o histórico mas extremamente



Figura 3. Brian Morton e Joseph Britton na Pedreira do Cabo da Praia em 1997



Figura 4. Maré cheia na Pedreira do Cabo da Praia



Figura 5. Brian Morton estuda o Paul da Praia (1997)



Figura 6. O que restava do Paul da Praia da Vitória em 2006

degradado paul da Praia da Vitória e os resquícios do paul do Belo Jardim. A convicção da elevada importância científica desta “descoberta” levou os autores a publicar um primeiro estudo na *Açoreana*, ainda em 1997, mas repetido e adaptado no ano seguinte no livro “Ecologia Costeira dos Açores”. Fez-se um meticuloso levantamento da ecologia e da biologia daquele espaço, registou-se a flora típica, com destaque para pequenas agregações da erva marinha *Ruppia maritima*, e elaborou-se uma lista provisória da rica e abundante avifauna que por toda a pedreira esvoaçava. Fez-se de igual modo, levantamento semelhante para os paus da Praia da Vitória e do Belo Jardim, terminando-se com uma sugestão de Plano de Recuperação das três zonas húmidas [Figura 5]. Ao mesmo tempo, no intuito de esclarecer e envolver a população local, contactou-se entidades representativas da Praia da Vitória e deram-se palestras na escola Secundária Vitorino Nemésio; justo é reconhecer o apoio recebido dos terceirenses Jorge Paulus Bruno (Presidente do Instituto Açoriano de Cultura) e Francisco Jorge Ferreira (Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Praia da Vitória), que activamente demonstraram o seu interesse por este novo recurso ambiental e anteviram a importância de o proteger juntamente com a recuperação do tão degradado Paul da Praia.

Aparentemente, porém, a população não estava tão preparada para perceber, como o fizeram esses poucos mas bravos terceirenses, a peculiaridade do que lhes tinha caído no regaço pois, no dealbar do milénio, na extremidade norte da pedreira foi construído o Matadouro da Ilha Terceira e, junto a ele, o Parque de Combustíveis, reclamando-se deste modo mais de metade da área da pedreira. A proposta para que se introduzisse no contrato de concessão do Parque uma cláusula



Figura 7. O Paul da Praia da Vitória, recuperado (2016)

sula que assegurasse a preservação da zona húmida emergente foi descartada como irrelevante.

E assim a ilha que nada tinha, mesmo o pouco que a sorte lhe deu, perdeu [Figura 6]...

O ACORDAR DA COMUNIDADE

Maltratada e abandonada, a pedreira, ou o que dela restava, continuava a ser o porto de descanso e abrigo para as aves que, em seu registo milenar, haviam herdado as coordenadas acolhedoras dos paus da Praia e do Belo Jardim, agora irreconhecíveis. E atrás das aves, silenciosos e quase despercebidos, os resistentes *birdwatchers* continuavam a afluir àquele espaço, a partilhar as suas observações e, sobretudo, a seguir nas redes sociais o processo de deterioração da “mais famosa localidade Açoriana para aves, e um sítio importante para limícolas do Paleártico Oeste, que deveria ser mais bem tratada do que isto”. Para além das construções em curso na metade norte, a escarpa sul começou a ser pontuada por todo o tipo de lixo, de plásticos a frigoríficos, de pneus a carros velhos.

Mas eis que estávamos destinados a contemplar o poder do exemplo: um jovem, só, sem grande visibilidade na comunicação social, continuou a fazer medições na Pedreira e aos poucos agregou à sua volta interesses dispersos. Dinamizou uma limpeza do lixo que pontuava a Pedreira e começou-se assim a proporcionar um clima mais convidativo aos visitantes. Este jovem, de seu nome Marco Lopes, era nada mais nada menos do que o responsável pelas questões ambientais da concessionária dos tanques de combustível, a empresa Bensaúde. Poderoso exemplo este, que criou na comunidade Praiense um

ambiente favorável à conservação deste seu património histórico único.

A ideia da recuperação do Paul da Praia já pairava nas conversas dos Praienses, criando raízes que alimentaram um plano. A autarquia lançou um olhar favorável a uma proposta vinda das bases, como nos contam Carlos Armando Costa e Paulo Messias, poderosa e sabiamente ventilada por Francisco Maduro Dias, e aceitou o desafio: Tibério Dinis assinou os papeis, dando assim início a um projecto ambicioso - O LIFE CWR - *Restauro Ecológico e Conservação da Infraestrutura Verde Húmida Costeira da Praia da Vitória* - a que uma equipa dedicada e aguerrida (Hugo Gomes, Mariana Brito, Paula Ramos, Sofia Goulart, Sónia Santos, César Pimentel entre outros), competente e diligentemente conduzida por Elisabete Nogueira e apoiada pela qualidade e empenho de investigadores Açorianos, deram corpo ao milagre: em dez anos, o “poço fétido” em que, ao longo de décadas, se havia tornado o Paul da Praia, foi recuperado e restaurado em zona de agradável lazer [Figura 7]. A sua localização citadina desencoraja a visita das aves de arribação como nos tempos de Agostinho e dos Bannerman, mas essa referência foi naturalmente passada para a zona húmida emergente da Pedreira do Cabo da Praia.

Não se pode explicar em palavras escritas em papel a transformação conseguida pelo projecto; o leitor deverá sentir a necessidade de lá ir e observar, inteirar-se do historial do espaço, pois o que foi conseguido é exemplo para as autarquias, inspiração para a comunidade e regozijo para os Açorianos.

LITERATURA AFIM

- 1967 Morton, B. Malacological Report. In: *Final Report, Chelsea College Azores Expedition, July-October, 1965*, pp. 30-38. The Chelsea College Azores Expedition, 1965, London.
- 1990 Morton, B. The intertidal ecology of Ilhéu de Vila Franca – a drowned volcanic crater in the Azores. In: Martins, A.M.F. (ed.), *Proceedings of the First International Workshop of Malacology*, São Miguel, Azores. *Açoreana*, suplemento [2]: 3-20.
- 1993 Morton, B., & R. Tristão da Cunha. The Fajã de Santo Cristo, São Jorge, re-visited and a case for Azorean coastal conservation. *Açoreana*, 7(4): 539-553.
- 1994 Backeljau, T., C. Brito, A. Rodrigues, B. Morton, R. Verhagen, T. Willems & B. Winnepenix. Population genetics of *Tapes decussatus* in the Lagoa de Santo Cristo, São Jorge – preliminary results. *Relatórios e Comunicações do Departamento de Biologia, Universidade dos Açores*, 22: 20-22.
- 1995 Morton, B., J.C. Britton & A.M.F. Martins. Fajã dos Cubres, São Jorge: a case for coastal conservation and the first record of *Ruppia maritima* Linnaeus (Monocotyledones: Ruppiaceae) from the Açores. *Açoreana*, 8(1): 11-30.
- 1996 Morton, B., J.C. Britton & A.M.F. Martins. The Lajes do Pico marsh: a further case for coastal conservation in the Açores. *Açoreana*, 8(2): 183-200.
- 1997 Morton, B., J.C. Britton & A.M.F. Martins. The former marsh at Paul, Praia da Vitória, Terceira, Açores, and the case for the development of a new wetland by rehabilitation of the quarry at Cabo da Praia. *Açoreana*, 8(3): 285-307.
- 1998 Martins, A.M.F., B. Morton & J.C. Britton. Património Natural dos Açores [The Natural Heritage of the Azores]. In: Bulletin – Special Edition “Azores, welcome!”. *Proceedings of the 34th International Planning Congress, Azores, September-October 1998*. International Society of City and Regional Planners.
- 1998 Morton, B., J.C. Britton & A.M.F. Martins. *Coastal Ecology of the Açores [Ecologia Costeira dos Açores]*, pp. i-x + 249. Sociedade Afonso Chaves, Ponta Delgada, São Miguel, Açores, Portugal.
- 1998 Morton, B., J.C. Britton & A.M.F. Martins. A conservação das zonas húmidas costeiras nos Açores. In: *Os Açores e o Mundo: o Essencial no fim de Século. Comunicações apresentadas na XII Semana de Estudos dos Açores*, pp. 97-134. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, Terceira, Açores.
- 2000 Morton, B., & J.C. Britton. The Azores. Chapter 13. In: Sheppard, C. (ed.), *Seas at the Millennium: An Environmental Evaluation*, pp. 193-211. Elsevier Science Ltd, U.K.
- 2000 Morton, B., & J.C. Britton. Origins of the Açorean intertidal biota: the significance of introduced species, survivors of chance events. *Arquipélago (Life and Marine Science)*, Supplement 2 (Part A): 29-51.
- 2014 Morton, B. The conservation of important wetland, lagoonal, habitats in the Açores. And a proposal for World Heritage Site designation for Fajã dos Cubres and Fajã de Santo Cristo, São Jorge. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 23: 115-134.
- 2014 Morton, B. Protected but still vulnerable? Lagoonal wetlands in the Azores. *The Marine Biologist*, Autumn 2014: pp. 12-15.
- 2015 Morton, B., & R.M.P.T. Tristão da Cunha. The history of an invasion: chance consequences of chance events. The first and last voyage of the *Spindrift* and introduction of *Venerupis decussata* (Bivalvia) into the Fajã de Santo Cristo, São Jorge, Açores. *Açoreana*, 10(4): 555-579.
- 2018 Morton, B., & P.T.Y. Leung. The discovery and identification of *Ruditapes aureus* (Gmelin, 1791) (Bivalvia: Veneroidea) introduced alongside the earlier alien venerid, *Ruditapes decussata*, into the lagoon of Fajã de Santo Cristo, São Jorge, Açores. *Açoreana*, 11(2): 205-225.
- 2018 Morton, B., & A.M.F. Martins. The Azores. Chapter 21. In: Sheppard, C. (ed.), *World Seas: An Environmental Evaluation*, Vol. I: *Europe, The Americas and West Africa*, 2nd ed., pp. 501-530. Academic Press, U.K.
- 2018 Morton, B., & A.M.F. Martins. Marine and coastal conservation in the Açores. A review. *Açoreana*, 11(2): 171-204.
- 2019 Morton, B., E. Nogueira & A.M.F. Martins (eds.). *The wetlands at Praia da Vitória, Terceira: reconstruction of an Açorean memory [Os Pauis da Praia da Vitória, Terceira: reconstrução de uma memória Açoriana]*, 243 pp. Praia da Vitória, Terceira.
- 2019 Morton, B. Açorean wetlands [Zonas húmidas dos Açores]. In: Morton, B., E. Nogueira & A.M.F. Martins (eds.), *The wetlands at Praia da Vitória, Terceira: reconstruction of an Açorean memory*, pp. 12-51. Praia da Vitória, Terceira.
- 2019 Morton, B., A.C. Costa & A.M.F. Martins. The biology of coastal wetlands in the Açores [A biologia das zonas húmidas costeiras nos Açores]. In: Morton, B., E. Nogueira & A.M.F. Martins (eds.), *The wetlands at Praia da Vitória, Terceira: reconstruction of an Açorean memory*, pp. 52-89. Praia da Vitória, Terceira.